



02

Álvaro Andrade García

A
PALAVRA
VIVA

a

Álvaro Andrade Garcia

A
PALAVRA
VIVA

POESIA ORBITAL 25 ANOS
Belo Horizonte

SINAIS DE VIDA

I

uma gaiola de ossos
entre os braços

o sangue espesso
no espaço oculto

onde o sol nutre
humores

o corpo tenso
entre bandagens de pele
no tumulto dos músculos

a relva verde
uma árvore vazada
pelo leque de luz

a árvore amada
a selva da alma
outra vez

a força dos músculos
os punhos do sangue

as batidas n'aorta
estamos vivos
ainda estamos

suspiramos a chama
tragamos a chama
e ainda assim duvidamos dela

||

as mãos dentro do corpo
por vezes serenas e móveis

as mãos dentro do corpo
por vezes ferozes e firmes

– como lâminas –

o sopro dos seres
o hálito denso e matinal

corre pela relva
entre gotas solares

o corpo se inventa de contentamento
sobre cada osso empilhado
um acórdão de sinais de vida

III

o vento envolve a casa
e corre apressado
entre ramagens e frestas

esmiúça ventarolas e rodapés

o corpo imóvel e morno
estirado na cama

os pés fora do lençol

a janela de gotas
opaca e doce

o vento percorre os caminhos
como um enxame, sete bestas zoando

o mundo é um imenso cão de caça
farejando cada quina, cada frincha

até nos encontrar

estamos vivos
ainda estamos

suspiramos a chama
tragamos a chama
e ainda assim duvidamos dela

IV

a vida corrige os atos
atrapessa os enganos
a vida atrás dos braços

os músculos da voz
a vida ultrapassa a vida

não antes não depois
nada mesmo por fazer

atravessar apenas
— palmo a palmo —
esse minúsculo sol
onde há luz
para todas as gotas

estamos vivos
ainda estamos

suspiramos a chama
tragamos a chama
e ainda assim duvidamos dela

A PALAVRA VIVA

a palavra lava o que agente mente
a palavra mente onde agente sente
a palavra cansa a palavra amansa
a palavra passa o que agente pensa
a palavra amassa

a palavra atrasa o que agente esquece
a palavra aquece o que agente teima
a palavra queima
a palavra fogo que agente apaga

a palavra tralha que agente afasta
a palavra gaga
a palavra lavra
a palavra ato

mato onde agente embrenha
a palavra exata onde nada ata
a palavra sacra

a palavra senha a palavra laca amarga
doce luz
assanha brilho soa

bela voa
a palavra garça
taça

a palavra que agente bebe
a palavra tonta
a palavra esquece

a palavra enterra o que agente troca
a palavra cava
a palavra cova
afoga trama aplaina
a palavra amaina

amanhece

a palavra espaço dia
como brisa

computador
todador
com lujos
e dilúvios
botões cravos
borrões amarelos

e nós

A IDEIA LAVADEIRA

a ideia vinha
e partia
solitária
marmota
ideia feito trouxa
desarrumada
idéia complicada
conveniada
com o silêncio

*

tudo se troca
nada se toca

oi como vai
até logo
já foi

ESCOLPINDO O DESEJO

traga-te o abismo
onde se talha, se despedaça
rompe a matéria do sol

ainda que rochas
onde se para
entre pontes

fortaleça até a trinca
as rachas da fortaleza

o desejo alarga onde se dói

ARREPENDIMENTO

as pendências à ré
as prensas as garras
que não só destroçam
mas afagam as graças
que me vêm só

a morte um punhal de costas
a sorte um avesso
o passo uma dança
hesitante e travessa

o morto a morte
ela mesma um feto
feito de fatos
e maltratos

A COISA NERVOSA

essa coisa pé
que não larga da gente
essa coisa pó que coça

essa coisa incômodo feita do nó
do pó de mico do pó da coca

essa coisa ôca
que anda sempre de ré

essa coisa nervosa
que estipula os dias de calor
faz zoarem bigornas e buzinas
os nervos automóveis

as ruínas, os ruídos por toda parte

tenho cinco dedos
e mãos de guaraná tirano
zinem os tímpanos
as baquetas que não param

coço os cílios
os vidros do meu cenário
sou um canário reluzente
lotado de pó

tenho cinco sentidos insanos
e coceiras por toda parte

que gesto me trouxe essa régua
essa medida toda nervosa
da cabeça aos pés?

DESOLAÇÃO

o bom peregrinou
resta-nos aqui

uma época de ilhas e avôos
desoladas cegonhas
sem ninho e filhos para desejar

faltam-nos glórias glórias!

falta-nos tudo: do júbilo ao espanto
do estouro ao suspiro!

ANOTAÇÃO

o poema nem sempre está
quase nunca deve
nem às vezes se espera

o ar não parece ocupar
e a língua não é apenas falar

TERRA BRASÍLIA

uma terra de bárbaros
ao sul

uma *wasteland* II

a confluência de povos
desgarrados

o resultado
de um massacre

num amplo lugar

a terra de desterro
e chacina

o marco geográfico
da morte

e a fábula de uma ocupação
amistosa

MINAS BÓSNIA

o medo é o pior dos humores

é o resultado
ou a guerra em curso

em minas bósnia
tudo é ruína
e nem mais construção

não sou criminoso
mas vivo atrás de grades

e caminho amedrontado pelas ruas
como deixamos piorar este lugar?

habitado
pela falta de respeito
pelas cicatrizes

em todo lugar
não posso parar
de ver

não suporto mais o cheiro
a cara de posto de gasolina

não suporto mais
as explosões

sem as bombas

em toda parte os sinais
em toda parte a guerra

em toda parte a propaganda
os outdoors

escondendo este lugar
sem mar

e cheio de montanhas
e buracos e pessoas amedrontadas

queimando a floresta
ressentindo

em minas bósnia
sou também um refugiado

indiferente insano

caminhando através
do povo faminto

o povo dócil e violento

escravo dos impérios
desde quando
esta terra foi ocupada

uma guerra cruel em curso
ou o resultado

nesses vales entre montanhas
sou também um refugiado

O DICIONÁRIO PRIVADO

I

é nome
minha primeira intenção

e quando fizeram-me Álvaro
passei a pertencê-lo

e assim como todos os nomes
que se tornam próprios

agora ele é meu
com nuances e verbetes
indispostos nos dicionários

II

é um sudário
uma rachadura
um fecho

meu nome é uma sutura
nas paredes do tempo

não me grite, é vão
não me evoque

meu nome é um santo
esquecido e alongado
na têmpera do tempo

é um serviço sacro
em seu benefício

nele você se expia

e sabe o quanto se ama
ou se destrói

|||

porque

certa vez
disse-me um
grão

não é
carma
seu nome

é karma de alma
é salmo da alma

seu nome

ENTRETIDO

entre
duas paredes
gemelares
de sebo
de gota
de glande
tido
concebido
de boca
grande
de mora
turva
concep
cionado
través de mãe
viés de pai
visto
depois
como ente
valente
garoto
tido

entre tantos
tido entre
outros
possíveis
para ser
exatamente
o
É

FINADO

ao lado dele

mãos dadas
e juntos

sua respiração
trocou de marcha
ficou mecânica

inspira...
...expira
e para

por longo
tempo espero

algum movimento

um último suspiro

as mãos se desfazem
o corpo perde a fluidez

não se movimentaria
mais

SAMSARA

ah meu deus
ele se foi de nós

subiu seu fogo ao céu
a cinza de volta a terra

sua matéria nutriu
o ipê preferido

depois por um raio
atingido

e pela mão do filho
se plantou

naquela mesma terra
um novo ipê

agora florido

depois...

1 OUTONO AO AVESO

na grota as vertentes
secas

a ravina repleta
de folhas rubras

os tons de marrom
cobrem a galeria

no pasto
o capim esturricado
por toda parte

parece que tudo
está morrendo

no sul da terra
neste final de agosto

mas a natureza se sabe
e antecipa sua renovação

espera a estação
que chega com as águas

logo vem a chuva de brotos

o silêncio acaba

grilos e cigarras zunindo
e sapos ali

'como el musquito en la piedra
ay si, si, si'

tanajuras esvoaçando

as aves gorjeiam
trinados e brotos em toda parte

sementes se fazem intenção
de flores e frutos

regenerar renascer e procriar

a palha e os gravetos
sobem aos ninhos

a festa do final da seca

a primeira chuva caiu
e o verão saiu do peito

a terra encharcada e humorosa
está abençoada

*'Eu sou a dureza desses morros
revestidos,
enflorados,
lascados a machado,
lanhados, lacerados.
Queimados pelo fogo
Pastados.
Calcinados
e renascidos.'*

(Cora Coralina)

© copyright - Álvaro Andrade Garcia 2024

Coleção POESIA ORBITAL - 25 anos

Coordenação geral: Mário Alex Rosa

Produção editorial: Brenda Marques Pena,
Flávia Craveiro e Vera Casa Nova

Projeto gráfico e capa: Glória Campos - Mangá

Imagen da capa: Glória Campos

Revisão: *do autor.*

Nossos agradecimentos aos organizadores da primeira edição da Poesia Orbital: Adriana Versiani, Ana Caetano, Camilo Lara, Carlos Augusto Novais, Emilia Mendes, José Pereira Júnior, Júlio Emílio Tentaterra, Luciana Tonelli, Luciano Cortez, Marcelo Dolabela, Maria José Bretas e Maysa Gomes Rodrigues.

Este projeto foi realizado com os recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte 2023. Multilinguagens - Modalidade Fundo.

COLEÇÃO POESIA ORBITAL 25 ANOS

- 01 Alicia Maria João - *O limite do aquário*
- 02 Álvaro Andrade Garcia - *A palavra viva*
- 03 Ana Elisa Ribeiro - *Troca só de tamanho e cor*
- 04 Camilo Lara - *Na desordem das coisas*
- 05 Carlos Augusto Novais & Mário Alex Rosa - *XXV órbitas*
- 06 Carlos Barroso - *Para conquistar esse amor*
- 07 Carlos Versiani - *Espiral*
- 08 Flávia Craveiro & Dione - *Em direção ao Pacífico*
- 09 José Américo Miranda - *26 poesias fora de órbita*
- 10 Kiko Ferreira & Chico de Paula - *O revoar dos elefantes / Poemas para Orbital*
- 11 Marcelo Dolabela - *Abaixo a carestia*
- 12 Marcus Vinicius de Faria - *Música no escuro*
- 13 Renato Negrão & Daniel Costa - *Contém acaso e Quacre*
- 14 Rogério Barbosa & Wagner Moreira - *As pequenas coisas / A solidão nas mãos*
- 08 Sônia Queiroz & Emilia Mendes - *Teresas e Palavras-mor*
- 16 Sueli de Miranda & Ronaldo Zenha - *Cartas de amor e infinito Outras oferendas*
- 17 Sylvio Túlio Peixoto - *Interior poesia*
- 18 Teodoro Rennó Assunção - *Poemenos nadalindos*
- 19 Toya Libânio - *A incredulidade de todos os sentidos*
- 20 Vera Casa Nova & Brenda Marques - *Nem mais nem menos*

A presente edição, com tiragem de 300 exemplares, foi composta por Mangá ilustração e design gráfico, em Morganite bold e Berlow semi condensed light, impressa na Formato editora, com papel Reciclato 240g. para capa e com papel Offset LD 120g. para miolo, em maio de 2024.

Álvaro Andrade Garcia, Belo Horizonte, 1961.

É poeta e também escreve prosa, ensaios e roteiros. Tem 12 livros de poesia e 3 de prosa publicados. Diretor de audiovisual e multimídia, faz videopoemas e poesia digital para internet, aplicativos multimídia e videoinstalações interativas. Toda sua obra se encontra em www.sitio.art.br e www.ciclope.art.br.

POESIA ORBITAL

A primeira edição da coleção Poesia Orbital nasceu no centenário de Belo Horizonte, em 1997. De lá para cá muitas coisas aconteceram e a cidade não para de se transformar, inclusive culturalmente.

Naquele momento, a coleção Poesia orbital reuniu 62 livros de 69 poetas, com uma enorme diversidade de "órbitas poéticas". Para celebrar esse importante acontecimento, a coleção está de volta com 20 livros inéditos, com a participação de 28 poetas, com a marca Poesia Orbital 25 anos, por celebrar este tempo estendido, espiralar e anacrônico das poéticas.

A maioria dos poetas vem da primeira jornada, mas outros foram convidados e estão participando pela primeira vez do projeto. Assim, há livros com dois participantes, que compartilham desses dois momentos distintos da Poesia Orbital.

A coleção homenageia o poeta Marcelo Dolabela, idealizador desse projeto. Marcelo, além de um poeta de enorme diversidade nas criações, era um artista multimodal, que gostava de juntar os amigos para construir projetos, jornais, revistas, exposições, experimentos sonoros e performáticos.

Com esta coleção, acreditamos que a poesia continua habitando outras órbitas e chegando nos mais diferentes espaços da cidade, tendo o livro, em especial a poesia, como objeto de ocupação e resistência.

REALIZAÇÃO

INCENTIVO



CULTURA

**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**
trabalho energia coração